

# Bresser quer juros mais baixos e "spread" zero junto a bancos

por Andrew Greenlees  
de Brasília

Nove membros da comissão especial formada no Senado para acompanhar as negociações da dívida externa brasileira ouviram ontem, durante três horas, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, expor as linhas básicas da proposta que pretende levar aos credores estrangeiros. A saída da reunião, realizada a portas fechadas, Bresser informou que dividirá a estratégia de negociação em duas partes: a convencional, para os créditos de curto prazo, e a inovadora, em busca de uma "solução de longo prazo".

Segundo participantes do encontro, a estratégia convencional visa obter juros mais baixos junto aos bancos privados, além de "spread" (taxa de risco) zero.

Em nenhuma hipótese, garantiu o ministro aos senadores, será aceito um "spread" semelhante ao cobrado do México e da Argentina, atualmente na faixa de 0,85%.

Ainda na fase convencional, os representantes bra-

sileiros procurarão ampliar os prazos de vigência dos acordos, evitando negociações anuais, consideradas desgastantes. Um entendimento neste sentido seria indispensável, conforme deixou claro o ministro, para o governo decretar o fim da moratória.

A estratégia não convencional — destinada ao estoque da dívida com os bancos privados (US\$ 65 bilhões, aproximadamente) — consiste na proposta já levada por Bresser aos Estados Unidos, em sua última viagem. A diferença está no deságio dos "exit bonds" (bônus de saída, pelos quais pequenos bancos deixam de ser credores da dívida brasileira).

Nos EUA, Bresser apresentou uma proposta de 50% de desconto no valor dos títulos do Brasil e a repercussão foi fortemente contrária. Desta vez, o ministro prefere deixar em aberto o índice do deságio. Entre os senadores, porém, ficou a impressão de que a idéia é negociar algo em torno de 30 ou 40%.

Também permanece a proposta da conversão da dívida em investimentos no País, ainda dentro da es-

tratégia batizada de não convencional. "É necessário convencer setores importantes dos credores a utilizarem estes instrumentos", comentou o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso. "Vamos procurar inovar sem radicalizar", completou o líder do PFL e presidente da Comissão de Acompanhamento da Dívida Externa, Carlos Chiarelli. Para o senador Virgílio Távora, do PDS, a proposta esboçada pelo ministro da Fazenda "é racional, permite negociar por vários anos".

Bresser Pereira deixou o Senado dizendo-se satisfeito com "o apoio firme" da comissão. Durante a reunião, no entanto, manifestou-se um forte opositor ao programa defendido por Bresser. Foi o ex-ministro do Planejamento, e atual senador pelo PDS, Roberto Campos.

Para ele, os credores planejam aguardar as conclusões da Constituinte antes de entrar numa negociação a longo prazo com o Brasil. "O ministro Bresser foi vago", disse Campos. "Falou em garantir a estabilidade

da economia e de reinserir o País na comunidade financeira internacional, mas quem não quer isso?"

Bresser disse ainda aos senadores que ouviu manifestações de apoio à sua proposta de empresários com quem esteve recentemente. Outro fator positivo citado pelo ministro: as reservas cambiais brasileiras continuam a crescer e já estão "acima dos US\$ 4 bilhões".

De um senador partiu a sugestão para que Bresser supervisione a primeira fase dos contatos com os bancos estrangeiros, deixando a missão em si a cargo do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e do assessor especial da Fazenda, Fernão Bracher. "O ministro precisa preservar-se, para entrar com tudo quando for necessário", explicou um dos participantes.

Além dos senadores Fernando Henrique (PMDB), Chiarelli (PFL), Távora e Campos (PDS), participaram do encontro Itamar Franco (PL), Leopoldo Pires (PMDB), Severo Gomes (PMDB), Renato Tito (PMDB) e Raimundo Lira (PMDB).